



AS DROGAS ILÍCITAS E A DEPENDÊNCIA DE USUÁRIOS VINCULADOS À ASSOCIAÇÃO ESPERANÇA DO VALE DO ASSÚ/RN

RESUMO

Este trabalho apresenta os elementos que constitui uma vida com dependência química, todo trajeto, partindo do princípio onde o usuário inicia sua vida com drogas ilícitas, o deve ser o tratamento, o que a família pode fazer e como reagir para ajudar o dependente e o apoio aos familiares. Diante da problemática foi Analisado a política social de políticas públicas e todo trabalho e demanda do Assistente Social em Comunidades terapêuticas. O artigo aqui apresentado baseia-se em estudos de pesquisa sobre dependência química e o cotidiano da pratica e vivencia observada na Associação Esperança do Vale do Assú/RN.

Palavras-chaves: Políticas públicas. Dependência química. Drogas ilícitas. Tratamento.

1 INTRODUÇÃO

A dependência química vem sendo um tema a bastante tempo discutido e pesquisado, sentindo a necessidade de relatar sobre as Comunidades Terapêuticas, escolhi uma que é a Associação Esperança do Vale do Assú, que está na ativa a quase um ano, ao qual tive curiosidade de saber profundamente como ela funciona e estabeleci objetivos para melhor conduzi a minha pesquisa: Identificar as políticas públicas que atuam na dependência química, tratar do cotidiano dos dependentes químicos, Tratar a estrutura física e psíquica dos dependentes químicos, Quais as dificuldades para o tratamento e Discutir quais mudanças que o tratamento pode causar para a família e sociedade.

Conforme conceitua, que cotidianamente, este serviço atende uma significativa demanda de familiares de usuários de crack e outras drogas que buscam orientações quanto ao tratamento da dependência e que nos remete à constatação que não há uma proposta

definida de apoio para estas famílias, existindo ações relacionadas as políticas de saúde mental, crack e outras drogas ilícitas de forma desarticulada e ainda incipiente.

Com o desígnio de ponderar sobre a dependência de crack e outras drogas ilícitas, mais individualmente suas implicações no contexto da forma do tratamento e contexto familiar, optou-se por apresentar algumas fundamentações teóricas e legais a este respeito.

2 METODOLOGIA

2.1 AS POLÍTICAS PÚBLICAS QUE ATUEM NO TRATAMENTO DE DEPENDÊNCIA QUÍMICA DE USUÁRIOS VINCULADOS À ASSOCIAÇÃO ESPERANÇA DO VALE DO ASSÚ/RN

As políticas públicas aplicadas para usuários de drogas ilícitas vêm sendo cada vez mais necessário para uma solução para resolver a questão da descriminalização, aonde existe a questão, da legalização da droga ilícita, tendo o questionamento que iria melhorar ou seria um problema a mais no Brasil.

Ao ver de Foucault (2014), uma questão muito importante de destacar é a SUG 8, pelo fato de ela se encontrar justamente em um período de ruptura, em que se começa a desacreditar-se no modelo de proibição atual e tendo um olhar contemporâneo, vendo com novos olhos a questão da droga e a dar novos passos em busca de caminhos diferentes, mesmo que o Brasil ainda ande a passos lentos, não havendo mudança significativa na questão desde a promulgação da atual lei de tóxicos a Lei 11.343. Entretanto surgiram novas pautas alternativas sendo debatidas no Congresso nacional. Uma delas é a referida SUG 8, uma proposição de iniciativa popular que visa a regulamentação do uso recreativo e medicinal da *cannabis sativa*.

Desta maneira e com tais fundamentos legais, o Supremo considerou a *Marcha da Maconha*, um movimento social espontâneo que reivindica, por meio da livre manifestação do pensamento, a possibilidade da discussão democrática do modelo proibicionista e tendo como efeitos, um modelo produzido em termos de incremento da violência. É um legítimo exercício do direito a liberdade de expressão, não podendo ser restringido por qualquer interpretação que se dê ao artigo 287. Entendendo por este prisma, sendo que não configura assim tendo a prática de apologia ao crime, existe apenas uma proposta de debate com relação à política criminal de drogas.

Sendo desse modo que a referida decisão foi emblemática, pois serviu para garantir e assegurar a importância da *Marcha da Maconha*, de modo que, o movimento em busca a

luta contra o proibicionismo reconhecendo sua legitimidade dentro do nosso ordenamento jurídico.

Tais discursos, antes criminalizados e proibidos pelo discurso jurídico, acabam conseguindo dentro deste a legitimidade tão importante na construção de práticas de poder, capazes de produzir rupturas dentro do discurso hegemônico proibicionista, conforme Foucault (2014):

A emergência se produz sempre em um determinado estado de forças. A análise da *Herkunft* deve mostrar seu jogo, a maneira como elas lutam, umas com as outras, o seu combate ante circunstâncias adversas, ou ainda a tentativa que elas fazem – se dividindo – para escapar da degenerescência e recobrar o vigor a partir do próprio enfraquecimento. Por exemplo, a emergência de uma espécie, animal ou humana, e sua solidez são asseguradas “por um longo combate contra condições constantes e essencialmente desfavoráveis” [...] Em compensação a emergência das variações individuais se produz em um ou outro estado de forças: quando a espécie triunfou, quando o perigo externo não a ameaça mais e quando “os egoísmos voltados uns contra os outros que brilham de algum modo juntos pelo sol e pela luz (FOUCAULT, 2014, p. 66).

Diante de todo esse entendimento, acrescentando que para chegarmos numa possível legalização da Maconha, seria preciso um estudo avançado diante da sociedade, envolvendo vários usuários, e a sociedade em um todo, com diferentes idades, sendo necessária também uma investigação com períodos de tempo para isso, entendendo como eles poderiam reagir com a legalização da Maconha, ainda não se sabe, o que aconteceria, muitos estudiosos acreditam na diminuição da droga, mas outros já temem a um aumento abusivo com que o estado perderia o controle, e existiria uma exposição enorme para as crianças e adolescentes.

Em minha opinião, os brasileiros precisam antes de legalizar mais uma droga, passar por uma educação social, aonde as crianças seriam conscientes dos males, e de cada perda que teria ao usar drogas ilícitas, cada fase da droga precisava ser esclarecida e ser obrigatório a estudar, ao compreender e tendo responsabilidade se caso se tornasse um usuário, a meu ver não, eu discordo de qualquer possibilidade da legalização das drogas e em foque da maconha que inúmeras vezes, somos aonde se inicia a experimentação das drogas, também existe a questão que a maconha é uma droga natural, sendo extraída da árvore, em nossa consciência permanece a bondade da maconha ser inofensiva e ocorrendo a grande curiosidade de conhecer, sabendo que em poucos usos, podemos nos tornar dependentes, e já não satisfeitos com o efeito da maconha, nascendo a ideia e a vontade de

progredir para outras drogas com maior efeito ou até mesmo misturar várias drogas, notando que estamos nos arriscando em que na continuação, poderá existir uma dependência ou prejudicar a saúde do usuário.

2.2 O COTIDIANO DE DEPENDENTES QUÍMICOS

Para iniciarmos é necessário exemplificar o significado entendido por *drogas*, ponderando que são prováveis diversos entendimentos relacionados em concepções ideológicas, religiosas, culturais, profissionais e outras. Para a proposta desse trabalho identifica-se como mais adequada a definição da Organização Mundial de Saúde (OMS, 1993) segundo a qual, droga é toda substância, que não foi produzida pelo organismo, mas que é capaz de atuar sobre os seus mais diversos sistemas e alterar seu funcionamento. Ao entender este conceito, vamos distinguir o que está a aconselhar-se pela legislação brasileira, ou seja, se o uso de determinada substância é permitido ou não, tendo-se então, drogas lícitas e ilícitas. Elucidando: o uso do álcool e do tabaco são danosos tanto quanto maconha, cocaína, antidepressivos, mas no Brasil seu uso é permitido por lei (com a restrição da venda para menores de 18 anos), o que os define como *drogas lícitas*. Para chegarmos ao assunto em foco desse trabalho. Encerro as discussões que podem ser consideradas conceituais, é necessário ainda abordar as definições quanto *uso*, *abuso* e *dependência* de drogas. Conforme Duarte (2002), o uso refere-se ao consumo em qualquer quantidade, sendo que o abuso relaciona-se a uma forma de uso/consumo que potencializa os danos para a saúde do indivíduo; e dependência relaciona-se a situações quando o uso/consumo já alterou todo o funcionamento do organismo, trazendo conseqüências não apenas físicas, mas também emocionais, culturais, sociais.

[] o debate contemporâneo sobre os usos de drogas na realidade brasileira tem profunda relação com o debate sobre a questão social, daí a importância de um posicionamento fundamentado e coerente com o projeto profissional do Serviço Social diante do uso de drogas como prática social e das respostas formuladas pela sociedade brasileira à essa prática (CFESS, 2017, p. 1).

Para Freitas (2001), o homem da modernidade é incentivado frequentemente a utilizar algum tipo de anestésico para seu mal-estar psíquico, para as suas angústias. As exposições performáticas, os espetáculos que cultuam a superficialidade e a fugacidade são marcos importantes de uma sociedade totalmente consagrada aos exibicionismos narcísicos e às teatralidades. A aparência é extremamente valorizada, fazendo com que as pessoas estejam sempre num palco representando personagens que, ao participarem do cenário social, o fazem de forma a exaltar um *eu triunfante*.

Para início de conversa, tendo em foco o cotidiano de uma vida com dependência química, quero expressar em lócus, como vive ou para ser mais precisa como reage uma pessoa que chegou ao estado de depender literalmente de drogas ilícitas. A droga faz com que aqueles a quem depende dela, se afaste de todos os hábitos saudáveis e culturais, o dependente é aquela pessoa que já não tem controle do uso, que depende todos os dias do uso da droga, a vida na “Crackolândia” ou em lugares similares são de dependentes que estão até 9 meses sem tomar banho, que passam semanas usando a droga sem intervalos, até mesmo sem se alimentar, muitas das vezes procurando nas lixeiras restos de comidas para saciar a fome, pessoas que depende da droga vivem sem rumo, longe da família, mesmo assim as famílias vão a procura dos dependentes químicos, mas não conseguem trazerem para casa, o dependente não quer apoio da família, ele se envergonha e não aceita ajuda.

O consumo da droga constitui a promessa de um prazer absoluto e a possibilidade de evitar o mal-estar, e isto faz da droga o mais poderoso dos objetos de consumo e fazem da parceria entre toxicômano e sua droga uma relação inabalável, extremamente destruidora e radicalmente contemporânea (GONZALÉZ, 2002).

Diante de estudos venho concretizar que a dependência química, faz para com que os usuários se tornem pessoas nervosas, debilitadas, que se sentem bem com esse cotidiano, mas que na verdade não estão. Passando dias de escravidão, feitos de alucinações adquiridas por causa do uso da droga, ocorrendo o risco de transmissão de doenças para aqueles usuários que fazem o uso injetável da droga. Deixando em momentos a desejar, o que fazer como fazer para que essa dependência tenha um termino, se a sociedade muitas vezes nos incentiva a ser usuário, onde muitos casos viram dependentes, será preciso chegar em um estado de doença física e mental para abordar uma concordância que aproximar-se a hora de mudar de vida, de querer uma realidade melhor e não ser rotulado de um “noiado” como muitos tem o habito de falarem por ai, se fosse fácil, não existia as clinicas de recuperação, aonde algumas chegam a custar a estadia de dois mil reais por mês, para um tratamento, havendo vários casos que, os dependentes químicos passam por mais de 10 internações , e assim rever tudo que passou e querer esta limpo, ser restaurado, mudar de vida e recomeçar do zero, entendendo que aquela dependência não era boa para o dependente e altera a família.

2.3 A ESTRUTURA FÍSICA E PSÍQUICA DOS DEPENDENTES QUÍMICOS

Diante da sociedade que vivemos em uma sociedade regida e organizada segundo a lógica do consumo, num tempo dos objetos, que intermediam as relações entre humanos e

qualquer coisa, inclusive o sujeito está à mercê de se tornar um objeto (BAUDRILLARD, 1970).

Dependência psíquica: situação na qual existe um sentimento de satisfação e um impulso psíquico, que exige a administração regular ou contínua da droga, para produzir prazer ou evitar mal-estar. Esse estado mental é evidentemente o mais potente de todos os fatores implicados na intoxicação crônica com drogas psicotrópicas, e pode ser o único fator em certos tipos de drogas.

Dependência física: estado no qual, após a administração repetida de uma droga, o organismo passa a necessitar a presença dessa droga para o seu funcionamento normal. O estado de adaptação manifesta-se pelo aparecimento de intensos transtornos físicos, quando interrompe a administração da droga (SILVEIRA FILHO, 1996).

Ao se tornar regular o uso de drogas psicotrópicas desencadeia outra reação básica além da dependência, que é a tolerância. Acontece quando determinada quantidade de droga tem cada vez menos efeito no organismo do indivíduo que a ingeriu. Assim, à medida que o Sistema Nervoso Cerebral se adapta à droga, sendo que o usuário precisa de doses cada vez maiores para obter o mesmo efeito. Esse fenômeno parece resultar de reações naturais do corpo, que reage como se “soubesse” que a droga é uma substância estranha, preparando defesas para neutralizar seus efeitos (COX, 1988).

De modo que na tolerância física, o organismo pode metabolizar cada vez mais rapidamente a droga, eliminando-a mais depressa, incluindo-a num novo equilíbrio metabólico funcional e criando maior resistência física. Essa tolerância tem fundamentos biológicos e independe da vontade. Existem outras pessoas que não se saciam com o estado atingido e querem cada vez mais, de maneira que tomam doses cada vez maiores. Tornam-se tolerantes ao bem-estar, acostumando-se e exaurindo-se rapidamente os estados recém-adquiridos. É a tolerância psíquica, que não depende do organismo: é regida por mecanismos psíquicos (SILVEIRA FILHO, 1996).

E para melhor esclarecer que existem drogas ilícitas que em segundos torna uma pessoa dependente, por existir substâncias muito fortes que fazem dos usuários um dependente rapidamente. O dependente Químico adquiriu um comportamento o comum, caracteriza por ser excessivo, compulsivo, fora do controle e psíquica fisicamente destrutivo.

O corpo habitua-se ao elemento estranho incorporado, lhe dá lugar e pede mais; se não o recebe, emite sinais que tornam a carência irresistível. Todas as drogas podem gerar

dependência, embora em distintos graus, mas nem todas determinam o fenômeno da tolerância (COX, 1988).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ponderando que o objetivo desta pesquisa é estudar a pessoa notável do dependente químico, através de entrevistas e triagens social, nas quais o sujeito é solicitado a descrever suas experiências vividas na relação com as drogas, com as pessoas de seu meio social e familiar e consigo mesmo, tendo como método de pesquisa escolhido o qualitativo.

A pesquisa qualitativa foi escolhida para este trabalho, devido a sua característica de lidar com os fenômenos, entendido como algo que se manifesta na consciência do sujeito, ou seja, aquilo que é vivido e descrito pelo sujeito enquanto experiência consciente que constitui sua subjetividade. Não seria adequada a utilização da pesquisa quantitativa, pois ao invés de lidar com o fenômeno, ela trabalha com o fato. Entende-se como fato, tudo aquilo que pode ser estudado de forma objetiva e rigorosa pela Ciência (MARTINS; BICUDO, 1987).

O objetivo da pesquisa foi para descrever e compreender as experiências vividas pelo dependente químico, focalizando os aspectos que facilitaram a iniciação, manutenção e suspensão do uso da droga; os significados que esta tem para ele; e as consequências geradas pela dependência química em sua personalidade e em sua vida como um todo. Neste sentido, através de entrevistas pretendeu-se investigar as relações que esse indivíduo. Abrangendo, através dos relatos verbais dos sujeitos dependentes químicos a respeito de suas relações consigo mesmo, com a família e com os outros, a pesquisadora teve a intenção de perceber as descrições individuais e os fatores psicossociais que desencadearam a dependência química.

Ao fazer a entrevista, a pesquisadora escolheu dois sujeitos, tendo como escolha os dois mais antigos, foi preciso ir até a comunidade terapêutica Esperança, localizada no Sítio Cuó, distrito de Ipanguaçu/RN, onde foi feito por relatos, sob a forma de entrevista. Os dois participantes concordaram e se dispuseram a colaborar com a pesquisadora. Os participantes da pesquisa eram, no número de duas pessoas, dependentes químicos, do sexo masculino, com faixa de idade de 30 a 44 anos, que estão internados há quase 4 meses na Comunidade terapêutica Esperança, tendo como objetivo fazer um tratamento para não consumir mais drogas ilícitas, e um dos participantes já está como monitor da comunidade.

Participante 1, tem 44 anos, casado, tem 4 filhos, natural de Macau/ RN, tem profissão de pintor, e está há 6 meses sem o uso da droga e está na comunidade Esperança há 3 meses e 20 dias, fez uso de drogas por 26 anos.

Participante 2, tem 30 anos, solteiro, não tem filho, natural de em Assú/RN e mora com os pais, tem profissão de mecânico, e está há 1 mês sem fazer uso de drogas, fez uso de drogas por 18 anos.

Como instrumento de coleta e registro dos dados, utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada com perguntas abertas. A opção por esse tipo de entrevista foi devido à sua flexibilidade, permitindo uma maior riqueza e profundidade do conteúdo das informações colhidas. As entrevistas foram escritas no decorrer da entrevista, com duração em torno de quarenta minutos e uma hora, com o participante 1 e 2 respectivamente. As entrevistas foram realizadas em uma das salas da Comunidade terapêutica, o que proporcionou a cada participante ser entrevistado individualmente em um ambiente adequado para a pesquisa.

Antes de iniciar a coleta dos dados foi exposto aos entrevistados uma carta de apresentação e termo de consentimento, para que eles ficassem cientes das condições da pesquisa e que concordassem em participar da mesma.

Confirmando o entendimento de Queiroz (1988), a entrevista semiestruturada é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre investigado e investigador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos. Desse modo, da vida do investigado só interessa aquilo que vem se inserir diretamente no domínio da pesquisa. O investigador na pesquisa qualitativa está preocupado em interpretar subjetivamente as experiências vividas pelo investigado.

Na entrevista, na pesquisa qualitativa, não se reduz a uma troca de perguntas e respostas previamente preparadas, mas é concebida como uma produção de linguagem, portanto, dialógica. Os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação de experimento.

Logo após de estarem realizadas as entrevistas com os dependentes químicos, transcritas e analisadas, resta discutir os dados que foram obtidos para o objetivo desta pesquisa. Quero recomendar, que o número de participantes não constitui algo de fundamental importância na pesquisa qualitativa, sendo mais importante a qualidade da amostra, ou seja, os tipos de sujeitos pesquisados que devem ser representativos do fenômeno em estudo, como também, os relatos verbais destes, acerca de suas vivências relacionadas à dependência química.

3.1 AS DIFICULDADES PARA O TRATAMENTO

Diante dessa realidade foi proporcionada uma finalidade com o instrumento das entrevistas, perpetrou com que conseguimos um resultado em que podemos avaliar as dificuldades do tratamento com suas particularidades. A vida com drogas não é nada fácil, a dependência tem cada dia se tornando um tanto complexo, precisamos ter um olhar mais cuidadoso antes de julgar, depender de drogas não é uma escolha, foi algo que se foi experimentado, e no decorrer do tempo se tornou dependência, sem ao menos perceber, quando uma pessoa aproximar-se ao ponto de dizer que precisa de ajuda, quer dizer, muito além do que isso, para admitir que é dependente químico não é um caminhar tão simples, e dizer que quer ir para uma comunidade terapêutica é um pouco de extrema necessidade, pois o dependente estará isolado de tudo que gosta, da droga, da sociedade e de familiares.

O tratamento é um pico de altos e baixos, existem momentos em que o dependente acredita esta libertado das drogas, mais diante de estudos e convivência sabemos que não é tão simples, abstinência provoca variações, e uma delas é o estado em que o sujeito tem a ansiedade de ir embora do tratamento por se sentir tão bem, mas assim que sai, corre para onde tem as drogas, tendo uma recaída e depois de algum tempo, voltar a se sentir mau e quer voltar novamente para o tratamento, a Comunidade terapeuta não aceita recidente, acreditando que acaba atrapalhando os outros dependentes, como tivesse a impressão que eles poderiam sair e voltar a qualquer momento, tendo em vista que não seria viável para a Comunidade e não teria progresso o tratamento.

Notadamente, o dependente químico consegue perceber que o uso da droga está lhe fazendo mal, mas mesmo assim, ele não consegue largá-la, devido à forte vontade que sente em usá-la e por não ter controle sobre si mesmo. O participante 1 disse: “passo a perceber que isso está me fazendo mal e como não consigo me controlar, deu a vontade de usar, eu sei que ela está ali, mas porque tenho que usar e não consigo? É maior do que eu possa resistir”. O participante 2 também demonstrou na sua fala: “não agüentava mais, já estava me sentindo mal e pensei: ‘tenho que parar se não eu vou morrer, tenho que fazer alguma coisa, o que? Então comecei a usar o crack mais ainda”.

3.2 MUDANÇAS DO TRATAMENTO PARA A FAMÍLIA E SOCIEDADE

Quando falamos em dependência química, nos referimos aquelas pessoas que já não conseguem viver sem se quer um dia ou semana, a permanecerem sem o uso da droga,

quero ressaltar que a dependência esta ao longe de ser o sujeito e droga, existe a outra parte que é a família, aqueles que sofrem juntamente com o sujeito, que vão até as “bocas de fumo” saberem se seu entes queridos estão “bem”, pessoas envolvidas com drogas, envolvem também a família, que permanece a ser preocupados sem saber qual será o fim dessa história, à partir do momento que o dependente pede ajuda, a família, revigora a esperança de dias melhores.

Ao abordar essa questão, entendemos através de pesquisas e estudos que o tratamento para dependentes químicos é possível, que vidas podem ser transformadas e famílias podem ser restauradas. Os diferentes atores precisam ter claro que nenhum setor tem poder satisfatório para dar conta das questões do dependente e de seus familiares, e que a ação Inter setorial pode possibilitar resposta mais potente e resolutiva, em vista das articulações possíveis de serem feitas ao se trabalhar em rede. As redes articulam pessoas e instituições que buscam soluções de maneira compartilhada, na superação de problemas sociais. Nesse sentido, as redes devem ser orientadas na sua ação, buscando respeitar a autonomia e as diferenças de cada membro partícipe (Junqueira, 2000).

Importa destacar que a integração e efetivação das políticas de saúde, de ação social, de educação, do esporte, cultura e lazer, o apoio de legisladores, de profissionais da justiça, da família, dos próprios dependentes é que garantirão uma mudança de paradigma em relação à prevenção e a assistência referente ao uso de álcool e outras drogas na contemporaneidade. Cabe lembrar a importância do envolvimento e responsabilidade da sociedade e da mídia em relação a essa mudança de paradigma e em relação ao enfrentamento dessa problemática, ao se ter o cuidado de realizar as ações preventivas e de tratamento de maneira ética, técnica e legal.

Conforme conceitua, ao entender através dessa pesquisa a recuperação de um dependente químico evidencia muita transformação para a família do mesmo e para sociedade em um todo, Cabe também aos especialistas orientar as famílias de como se relacionar com dependentes químicos em tratamento, que me interessa o conceito de que pessoas tendenciosas a terem recaídas, que já fizeram o uso de substancias químicas, jamais podem ter a mesma vida, da qual tinha com as drogas, por esse motivo, em vez de ser um ex. dependente químico, fica melhor esclarecer que o sujeito, precisa de um tratamento por muito tempo depois que sai da comunidade terapêutica, mesmo abordando de uma evolução ampla, e é de extrema necessidade ser orientado, fazer tratamento terapêutico com um psicólogo ou algum profissional afim, a importância de total apoio da família e amigos. Conviver com pessoas que os levem a leveza de uma cura e não de

peessoas que o possam cometer testes de abstinência ou algo do tipo. Quero terminar que a cada recuperado a sociedade tem a comemorativa de dar um passo de evolução, a dependência química, muda o caráter das pessoas, em muitos casos tornando as pessoas em más índoles, que podem se envolverem com violência e criminalidade, esclarecendo que a saída das drogas diminui a criminalidade e a venda ilegal das substancias químicas que provocam tanta confusão, desespero e infortúnio na sociedade.

4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve o objetivo de entender o cotidiano de um dependente químico e como seria o tratamento para deixar de usar drogas ilícitas. E possibilitar um esclarecimento para sociedade que não é uma escolha ser depende químico, que estamos totalmente expostos a ter uma curiosidade que poderá nos levar rapidamente para a dependência, que viver dependente é esquecer o mundo lá fora e viver apenas mundo interior, que não existe idade, raça, sexo, classe social. A droga ilícita vem chegando nas famílias de forma brusca, e os familiares não sabem como agir, e este artigo esclarece um pouco os orientando como lhe dar com o usuário de drogas.

Ao mesmo tempo relatando através do instrumento de pesquisa qualitativa em forma de entrevista, podemos expressar aquilo que foi ouvido por dois dependentes químicos que a mais de 15 anos estão “presos” a essa realidade. A droga é um problema social, econômico, familiar que muitas vezes gera violência e criminalidade e podemos falar um pouco sobre esse assunto, que há anos se comenta e se torna tão atual e complexo.

Almejo ainda, publicar os resultados obtidos para estudo de pesquisas, bem como para os profissionais interessados a fim de oferecer subsídios teórico-metodológicos que possam contribuir para o fortalecimento da rede intersetorial de atendimento na área de comunidades terapêuticas, tratamento de dependentes químicos.

Portanto, é possível entender que para a compreensão do fato da dependência química e a repercussão desta problemática no que dedilha a natureza familiar, faz-se necessário considerar os diferentes determinantes e desafios ainda começados na contemporaneidade, com vistas o acréscimo dos nossos horizontes em analogia a esta temática, em outras palavras, precisa-se abordar a drogadição como uma categoria transversal presente em vários contextos da vida cotidiana e que se apresenta com diversos aspectos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 31. ed. rev. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2003a.
- CFESS. **CFESS Manifesta. Dia Internacional de Combate as Drogas**. 26 de Junho de 2011. Disponível em:
http://www.cfess.org.br/arquivos/cfessmanifesta2011_SSdebateusosdrogas_APROVADO.pdf. Acesso em: 20 de Janeiro de 2017
- COX, M. W. (1988). **Tudo sobre drogas: Personalidade do viciado**. São Paulo: Nova Cultural.
- DUARTE, R. (2002). **Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo**. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acessado em 05 de Janeiro de 2017.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 28ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREITAS, M. T. A. (2002). **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acessado em 07 de Janeiro de 2006.
- GONZÁLEZ REY, F. L. (2002). **Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios**. (M. A. F. Silva, trad.). São Paulo: Pioneira. (Trabalho original publicado em 2000).
- JUNQUEIRA, L.A.P. Intersetorialidade, transetorialidade e redes sociais na saúde. *Rev. Adm. Pública*, v.34, n.esp., p.35-45, 2000.
- MARTINS, J.; BICUDO, V. (1987). **A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes.